

6. Considerações finais

Ler Fernando Pessoa é entrar em contato com um universo poético que se ergue diante de nós como um *outro* mundo. É conhecer uma literatura cuja experiência de leitura nos envolve, encanta e captura. Em outras palavras: ler Fernando Pessoa é aderir à sua obra, como se nada mais além dela fosse possível ou mesmo necessário. Sua poesia, como a vida, basta.

Não é à toa que José Gil, em texto que interroga o poder de captura da obra pessoana, afirma que “[e]ntrar em Pessoa é um perigo: eventualmente não mais de lá se sai” (Gil, 2010, p. 10). Como um universo em que se mergulha, sua poesia exerce sobre os leitores um fascínio tão grande, um aprisionamento de alma tão intenso, que muitos dos pessoanos “[e]ntraram tão profundamente em Pessoa que se tornaram Pessoa” (Gil, 2010, p. 10).

O poder de atração que sua escrita exerce refere-se justamente, de acordo com Gil, ao “poder de vida de sua poesia” (Gil, 2010, p. 30). Isso significa dizer que há em Fernando Pessoa um apelo à vida, que o leitor sente em face modo como o poeta concebe sua poética em acordo com uma estética não aristotélica. A ideia de força vital como meio de realização é o ponto crucial para compreender sua concepção de arte. Isso se ganha corpo principalmente na heteronímia, em que o problema da vida se impõe na criação de suas pessoas-livros.

Mas o que seria esse poder de vida que se revela na poética pessoana? Como ele se manifesta? Estas foram as perguntas que nortearam este trabalho, que pretendeu compreender de que modo é possível reconhecer na obra de Fernando Pessoa um apelo à vida que se dá a ver a partir de uma ligação com a linguagem, presente de modo singular no gesto heteronímico.

Na heteronímia, a vida é linguagem. A vida é escrita. Isso poderia soar essencialista, como se a ficção produzisse uma vida mais vívida que o mundo. No entanto, há, acreditamos, não uma recusa ao mundo, mas um gesto de acordo (boa vontade) para com ele. Um gesto de ajuste com mundo-vida, de cumplicidade.

Fernando Pessoa era um cúmplice da vida, daí, segundo nossa visão, sua vitalidade, seu alcance: como Wittgenstein, ele afirma a vida. Isso envolve, entre muitas outras coisas, talvez saber impugnar o artigo definido na expressão tão acostuada: *a vida*. Em vez dela: *formas de vida*.

Muitos estudos foram dedicados a esse gesto pessoano que, de certo modo, é definitivo para sua obra. Aqui, buscamos abordar a heteronímia por um viés bastante específico – a linguagem –, por acreditar que, quando estamos diante das pessoas-livro de Fernando Pessoa, temos ali um tipo de construção literária que coloca em cena muitos dos pressupostos subjacentes às nossas práticas linguísticas.

Sob essa perspectiva é que entendemos a heteronímia como radicalização da ideia de forma de vida. Daí não concordamos com Ribeiro (2011a, p. 183) quando a lê como um jogo de linguagem, como um lance dado por Fernando Pessoa na nossa linguagem. Acreditamos que essa visão reduz a força de vida que existe no acontecimento heteronímico, por acomodá-lo a uma mera subversão das regras que regem o uso da nossa linguagem.

A heteronímia, acreditamos, não subverte apenas as regras, não cria apenas um novo jogo. Ela confronta uma nova perspectiva de tensão entre linguagem e vida que promove um movimento duplo de afastamento e aproximação.

Afastamento por sua tentativa de se fixar o máximo possível (quase exclusivamente poderíamos dizer) na linguagem, sua origem e meio de realização. Aproximação porque, estando em aderência à linguagem como fonte, ela se vê atada à vida como condição de existência. “Que este processo de fazer arte cause estranheza, não admira; o que admira é que haja coisa alguma que não cause estranheza” (OPr, “Apresentação dos heterônimos”, 1986, p. 82), diz Fernando Pessoa referindo-se às possibilidades de estranhamento que o fenômeno poderia causar entre os leitores. Segundo nossa visão, a heteronímia só pode ser lida como estranha por aqueles que a consideram como um produto de um sujeito cartesianamente constituído ou uma duplicação deste mundo na imaterialidade de suas vozes que pressupõe a construção de uma cópia ideal do mundo como o conhecemos.

No entanto, não a lemos assim. Acreditamos que a maneira como Fernando Pessoa concebe a heteronímia nos habilita a pensá-la como um

acontecimento de natureza aparentada com a nossa vida, a humana, mas constituída de uma forma radicalmente distinta: o plano em que se plasma essa nova forma de vida que ali se constitui é unicamente a linguagem.

Muitos poderão objetar sobre a opacidade dessa visão. Nós defendemos que ela é uma condição do nosso problema. Com isso não queremos nos isentar, nem nos defender. Apenas desejamos indicar a pertinência do estranho e do obscuro como espaços de reflexão sobre o acontecimento heteronímico, cuja dificuldade deve ser entendida não como parte de sua natureza ancorada na nossa linguagem, pois, conforme aprendemos com Wittgenstein: “*Os limites de minha linguagem* significam os limite de meu mundo” (TLP, 5.6).

A escrita heteronímica, portanto, no seu modo de se conceber como fenômeno de linguagem que tensiona um certo tipo de relação com a vida, deve ser lida tendo em vista esse horizonte, em que “(...) eu sou do tamanho do que vejo/ E não do tamanho da minha altura...” (OPr, “O Guardador de Rebanhos”, VII, 1965, p. 208).

Por tudo isso que acreditamos na heteronímia como a construção de um novo plano (de imanência?) em que autores-escritas se compõem e se dão a ver no mundo é que a percebemos não como uma negação do mundo em busca de um outro, ideal, perfeito; muito menos a encaramos como uma tentativa de denegação do sujeito por uma crise de sua identidade na modernidade. Lemos a heteronímia (terapeuticamente talvez) como uma percepção positiva da vida e do mundo. Esclarecemos: ao criar estes sujeitos pela escrita, Fernando Pessoa apesar de sugerir a ideia de que os autores de sua época não lhe bastam (OPr, “Apresentação dos heterônimos”, 1986, p. 83), nada nos faculta considerar que ele pense o mundo e a vida, assim como os conhecemos, como insuficientes. Ao contrário, ao trazer esses poetas para o fluxo da vida pela linguagem que eles performam, Fernando Pessoa adere à vida e potencializa suas possibilidades de realização, pela tensão que cria *com* e *na* linguagem – isto é, na vida.

O poeta assume uma postura de aceitação e conciliação com o mundo e a vida, em toda a sua heterogeneidade e volatilidade. E é essa conciliação que define a heteronímia e a sua obra como um todo.